

O TIGRE BRANCO: UMA ANÁLISE INTERMIDIÁTICA DA PERSONAGEM PINKY E SEU EMPODERAMENTO NA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA

Gilayne Ferreira dos Santos¹

RESUMO

A composição de dispositivos figurativos na construção de um filme acarreta inúmeros elementos que podem influenciar de forma direta no conjunto da *mise en scene* de um trabalho fílmico. Este trabalho tem por objetivo analisar o romance O Tigre Branco (2008), e sua adaptação cinematográfica homônima (2021) de modo a destacar as relações intermidiáticas entre literatura e cinema, identificando as funções estabelecidas por essas relações na construção da personagem Pinky e de seu empoderamento na obra fílmica. Assim, as tessituras de tal trabalho dar-se-ão através de uma análise perpassando questões concernentes à construção da personagem, discutindo a composição do espaço-tempo nas obras e debatendo questões relativas às técnicas utilizadas nas “imagens em movimentos”. Para tanto, consultamos CÂNDIDO (1976) ao que concerne a situação da personagem em ambas as obras; perpassa pelo conceito de adaptação e intermedialidade formulado por HUTCHEON (2013) e CLÜVER (2008). É através de XAVIER (2003) e BAZIN (1991) que dialogamos com assuntos pertinentes ao cinema.

Palavras-chave: Literatura, Cinema, Pinky, Construção.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo trazer à luz uma análise sobre o romance O Tigre Branco (2008) do escritor indiano Aravind Adiga, e sua adaptação cinematográfica (2021) homônima dirigida pelo diretor americano-iraniano Ramin Bahrani. O presente trabalho tem como objetivo tecer considerações a respeito da personagem Pink no romance O Tigre Branco e na adaptação cinematográfica homônima, de modo a destacar as relações intermidiáticas entre literatura e cinema, identificando as funções estabelecidas na construção – em especial- da personagem e do seu empoderamento na adaptação.

Em ambas as obras nos é apresentado a história de Balram Hawail – narrador e personagem –, que passa 7 noites escrevendo um e-mail para o primeiro ministro da China Wen Jiabao, contando sua trajetória de sucesso. Balram, jovem de casta baixa, nascido e criado em

¹ Mestranda do Curso de Teoria da Literatura da Universidade Federal do Pernambuco – UFPE, fgilayne@gmail.com

Laxmangarh uma aldeia que fica ao norte da Índia, que por sua vez, sofre com as mais diversas mazelas sociais existentes, retratada na obra como lugar de Escuridão. Advindo de uma condição familiar desestruturada e sem nenhuma perspectiva de ascensão social e de alcançar o lugar de Luz, Balram desde pequeno destacava-se na escola por seu intelecto diferenciado dos demais alunos, o que lhe rendeu a alcunha de Tigre Branco, pois o professor o entendia como uma raridade. Com o intuito de uma vida melhor, Balram torna-se motorista com o objetivo de trabalhar para o Cegonho – dono das terras dos habitantes da Escuridão – tencionando uma vida melhor. Logo o jovem se torna motorista do filho mais novo do patrão, Ashok, de quem se torna “servo”. Em 2021 o romance ganha uma adaptação para o streaming da *Netflix* sob roteiro e direção de Ramin Bahrani. Balram, que é interpretado pelo ator indiano Adarsh Gourav, tendo a personagem Pinky ganha evidência na adaptação. Na adaptação a personagem é interpretada pela atriz indiana Priyanka Jopra Jonas, que também tem participação como diretora executiva na elaboração do filme. A personagem em questão, nos é apresentada como uma figura de ares ocidentalizados, mesmo que alguns aspectos se contraponham no romance, ressaltando assim, a arte criativa do diretor. É sob essa perspectiva que traçamos nas linhas a seguir, quais os intentos do diretor em dar uma maior visibilidade a personagem e quais procedimentos inerentes ao cinema, foram utilizados para compor a filmografia da adaptação, em particular, às cenas em que a mesma aparece.

METODOLOGIA

A partir da delimitação do *corpus*, pudemos analisar o romance, assim como, a adaptação tendo como finalidade mostrar, de forma comparativa, a construção da personagem Pinky em ambas as obras. O estudo se dará do ponto de vista da análise qualitativa e sua abordagem é documental, assim como, dos recursos utilizados no filme, para mostrar a forma como a personagem se apresenta mediante seu comportamento e diálogos que compõem a *mise en scene*, colocando em diálogo às duas mídias e estabelecendo um fio condutor que envolva Literatura e instrumentos do audiovisual e seus procedimentos de adaptação, no intento de melhor compreendermos como se deu as montagens das cenas as quais a personagem em questão aparece.

Para um melhor entendimento, elencamos algumas imagens que corroboram com a proposta aqui apontada. São imagens extraídas da adaptação de forma a fazer um paralelo do romance com a adaptação, evidenciando os elementos cinematográficos utilizados para a composição das cenas aqui expostas, de modo a se ter um melhor entendimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Discorrer acerca de cinema e literatura é uma forma de analisar e interpretar sentidos que serão construídos pelos espectadores/leitores, criando, desse modo, seu próprio panorama, viabilizando novas compreensões e dando novos sentidos, entendendo a intermedialidade como o termo oportuno para entender as relações entre as artes (CLÜVER, 2008). Como fundamentação teórica a tradução intersemiótica se faz imprescindível para contextualizar a intertextualidade presente no processo metamórfico dos sistemas técnicos da adaptação. Assim,

(...) livro e filme estão distanciados no tempo; escritor e cineasta não têm exatamente a mesma sensibilidade e perspectiva, sendo, portanto, de esperar, que a adaptação dialogue não só com o texto de origem, mas com seu próprio contexto, inclusive atualizando a pauta do livro. (XAVIER, 2003, p.62)

Portanto, a ideia de adaptação aqui proposta, parte está condicionada a transferência semiótica da literatura para o cinema, de forma a entender que muitos sentidos foram criados e outros tantos, suprimidos ao passo que houve a transferência entre as mídias. É partindo destes pressupostos que encontramos embasamentos para a nossa pesquisa, entendendo-as como um viés para os estudos da adaptação para o audiovisual, propondo horizontes críticos dentro da vertente proposta.

Assim sendo, evidenciar ambas as produções de mídias diferentes, se faz de grande importância devido à criação de um “diálogo entre ambos” (HUCTHEON, 2013, P.15). Assim sendo, tendo como objetivo explicar essa discussão relativa às emoções, é “tudo o que supostamente se passa conforme a ficção que o filme apresenta, tudo que essa ficção implicaria se fosse supostamente verdadeira” (SOURIAU *apud* AMOUNT, 2003, P.77), a adaptação os elementos utilizados na narrativa de forma geral evidenciam o sentimento de insubordinação descritos no romance. E dentro desses elementos destacamos a iluminação utilizada para destacar ou até mesmo camuflar certos detalhes na cena, entendendo “o uso da iluminação artificial habilita o cinema a trabalhar a luz com todas as suas possibilidades expressivas” (Lira, 2008, pp. 97). Partindo desses pressupostos, traçaremos um diálogo desses teóricos mencionados, abordando a temática sugerida, para então, entendermos melhor como se dá a construção e o destaque à personagem Pinky na adaptação cinematográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscamos entender, neste trabalho, quais os intentos do diretor em trazer uma novo olhar para a personagem Pinky, de modo a evidenciar como sua trajetória de vida que, por ora, se confunde com a do perosnagem principal, mesmo que ambos tomem caminhos opostos nas narrativas. É curioso notar, que na adaptação do romance, podemos perceber uma jovem mais ativa, de posicionamentos firmes e de pensamentos próprios, ao passo que, no romance é através dos olhos de Balram que podemos imaginar como seria a personalidade dessa jovem. É inegável seu empoderamento na adaptação, e isso fica latente através dos recursos cinematográficos. A fotografia de cinema – planos, enquadramentos, composição – em que a personagem aparece reforçam a produção de sentido, de maneira a corroborar com a trama. Portanto:

“A iluminação cinematográfica não só permitiu a exposição, como também aumentou o efeito dramático de filmes de ficção na tela. Isso foi consequência do trabalho fotográfico referente à luz, com a introdução de técnicas mais precisas para controlá-la. Aprimorando um princípio visual e emocional no qual o diretor construía o filme através de técnicas específicas e dramaticamente poderosas de iluminação, a evolução da fotografia fez com que essa deixasse de desempenhar um papel puramente físico, em que se limitava a fornecer luz suficiente sobre os atores para permitir a filmagem, passando a integrar a estética e a narrativa cinematográfica através de meios artísticos e dramáticos” (Martins, 2004, p. 14).

Os elementos entre Escuridão e Luz, na adaptação é provável ser simbolizado através da iluminação ou falta dela, retratando assim os sistemas de castas e as posições sociais. Enquanto na aldeia (Escuridão) a impressão que temos é a ausência de iluminação presente nas cenas de paisagens de vegetação seca e chão de terra, contrapondo-se assim, com o outro a aoutra realidade, como ppor exemplo, em Nova Délhi na casa luxuosa de Ashok a composição do g se dá sobre esferas luminosas de localizações elevadas. O que validam essa proposição são as cenas que se passam apresentando o dormitório de Balram enquanto motorista, localizado no subsolo do prédio do patrão, lugar insalubre, escuro e impuro. É importante ressaltar, que em ambas as obras muito se abordará às questões de luz e escuridão, fazendo assim, uma alusão aos sistemas sociais indianos.

Partindo disso, motraremos a primeira cena do filme escolhida para exemplificar como se dá a composição do cenário e de como a Pinky se mostra nesse plano.



Fonte: O Tigre Branco, Ramin Bahrani, 2021. In: NETFLIX (print de tela)¹

As tonalidades neutra das roupas de Balram e Pinky denotam um ar melancólico que contrasta com toda a ambientação que compõe a cena, mesmo que os demais atores que se fazem presente estejam com trajes de cores mais escuras. Nessa construção estética torna-se simbólica e nos mostra o quão Balram e Pinky, ambos de joelhos, denotam assim, um pé de igualdade – mesmo que socialmente Pinky já tenha se estabelecido na parte da “luz”. Aqui, nos é perceptível que a iliminação está presente nos dois personagens, trazendo a sombra aos demais que compõem o ambiente de modo a evidenciar, assim, o lambro “sombrio” dos demais.



Fonte: O Tigre Branco, Ramin Bahrani, 2021. In: NETFLIX (print de tela)²

Além do mais, a construção imagética do filme é constituída majoritariamente por uma iluminação natural e a caracterização do figurino opta por cores mais neutras. Essa ambientação

causa uma proximidade da realidade, e uma realidade cinzenta, dada a não intervenção de luz artificial e as vestimentas mais usuais. Quanto às personagens, observa-se algumas diferenças entre romance e filme. Balram é o protagonista em ambas as obras, mas a personagem Pink ganha evidência na adaptação. Essas distinções, na realidade, somente enriquecem e singularizam ambas as narrativas.

Sobre o sujeito subalterno, não nos fica evidente no romance a origem da personagem e sua identidade enquanto mulher indiana, porém, antagonico a isso, na adaptação esse traço trouxe um lacônica abordagem, e então, pudemos perceber um elo entre Pinky e Balram, de forma, que a personagem encontra uma semelhança no outro. Para SPIVAK,

No contexto do itinerário obliterado do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado. A questão não é a da participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois, em ambos os casos, há “evidência”. É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade. (p.85)

Desse modo, podemos notar que a personagem, mesmo sendo um sujeito subalternizado, encontra como seu semelhante o outro – no caso Balram - sua imagem, desse modo, suscitando questões pertinentes à classe, ou no caso, como se tratando da Índia, Castas. É curioso notar que, ao passo que a personagem tenha sua notável presença na trama e do qual a mesma possa apresentar-se com mais autonomia, a mesma ainda assim é passível de um erro que ocorre após sua festa de aniversário, assumindo a direção de um carro mesmo apresentando sinais claros de embriaguez, culminando assim, em um óbito de uma criança moradora da parte escura da cidade. O fato é que, Balma é conduzido a assumir o crime, de modo, que o mesmo assina um documento atestando ser o autor do crime. O destrinchar do enredo, se dá dentro de um jogo de poder e interesse, pois, como dito anteriormente, a família do esposo de Pinky, por ter muita influência no meio político, consegue arquivar a denúncia, não dando prosseguimento a investigação. Uma vez “resolvida” a situação, clima de tranquilidade segue no enredo, sem ao menos comunicarem tal notícia ao motorista, de modo que a personagem revolta-se ao perceber que sequer alguém o tenha dito sobre Balram ser absolvido por um crime que ele não praticou.



Fonte: O Tigre Branco, Ramin Bahrani, 2021. In: NETFLIX (print de tela)³

A câmera prostada de cima para baixo, pegando um ângulo que mostra a personagem exaltada pelo contexto em que Balram encontra-se, mostrando assim, uma provável força e rigo da personagem, brigando em favor dos direitos do motorista.

Na obra fílmica, as reflexões levantadas pela personagem para com o protagonista, sempre se dão em um interessante jogo de luz. A composição da *mise en scene* nos revela através do ângulo da câmera, que os mesmo estão sempre no plano de “igualdade”.

As possíveis leituras do romance e sua adaptação nos possibilita diversas interpretações, de modo, assim, a considerá-la como um produto independente, de modo a entendê-la a partir de técnicas exclusivas ao cinema.



Fonte: O Tigre Branco, Ramin Bahrani, 2021. In: NETFLIX (print de tela)⁴

Nesta cena, podemos perceber uma maior ênfase dada a participação da personagem na composição da cena, por meio do diálogo proferido pela personagem Pinky, se no romance é Balram quem se depara com a mensagem através de um livro que encontrou em uma espécie

de sebo literário em alguma parte da cidade, na adaptação quem vai dizê-lo é a personagem, dado em um momento em que a mesma se afugenta da casa de Ashok e volta para a América. É possível notar, ainda, que o ângulo frontal da câmera e a pouca iluminação, traz um ar de dramaticidade à cena, aliando-se a isso, à fala da personagem, em tom enigmático, dando mais destaque a personagem.

É no destrinchar que aqui elaboramos, pudemos notadamente ver através das cenas elencadas o quão é considerável a presença marcadamente da personagem na adaptação. Os elementos utilizados para compor tais cenas, corroboram para a construção de Pinky em sua trajetória na película.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta breve análise teve como enfoque a forma utilizada pelo diretor para adaptar para o cinema essa obra literária que permite diversas leituras, buscando identificar a construção de sentidos possíveis através dos ângulos das câmeras, da forma como os personagens eram apresentados, movimentos, dos diálogos e objetos apresentados ao espectador e de como tais elementos corroboram para a composição de todo o enredo da adaptação e de como os elementos criativos adotados pelo diretor, nos apresenta uma personagem com maior participação na película.

Ainda sobre essa a perspectiva da iluminação que compõem as cenas aqui expostas, podemos notar que jogo de claro-escuro, pode-se imbricar a alusão que é descrita no romance com os lugares descritos como Escuridão e Luz. Essa complexidade da técnica em que a personagem aparece, expressa a natureza psicológica dos personagens no filme.

A pesquisa realizada, através da análise e comparação das duas obras, nos proporcionou a percepção de que a obra fílmica não se limita a apenas retratar através de imagens o que na obra literária é narrado, mas que a linguagem cinematográfica possui diversas possibilidades de construção de significados como as que foram constatadas no presente estudo. É a partir das cenas expostas neste trabalho, que podemos perceber o quão a personagem teve um destaque dentro da adaptação cinematográfica, seja com as composições das cenas em que a mesma aparece ou até mesmo diante de seus diálogos.

REFERÊNCIAS

- ADIGA, Aravind. O Tigre Branco. Tradução Maria Helena Rouanet. – [4.ed.]. – Rio de Janeiro: **Haper Collins**, 2021.
- ROUDINESCO, Elisabeth. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: **Zahar**, 1998.
- BAZIN, André. O Cinema: Ensaios. São Paulo: **Brasiliense**, 1991
- CANDIDO, Antonio et al. A personagem de ficção. São Paulo: **Perspectiva**, 1976.
- CLÜVER, C. Intermedialidade. Pós:, **Belo Horizonte**, v. 1, n. 2, p. 5-23, nov. 2008.
- HUTCHEON, L. Uma Teoria da Adaptação. Tradução: André Cechinel. 2. Ed. Florianópolis: **Editora UFSC**, 2013.
- LIRA, Bertrand de Souza - *Luz e Sombra: Uma interpretação de suas significações imaginárias nas imagens do cinema expressionista alemão e do cinema noir americano*. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008. 326 p. Tese de doutoramento.
- MARTINS, André Reis - A Luz no Cinema. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2004. 210 p. Dissertação de Mestrado.
- O TIGRE BRANCO. Direção de Ramina Bahrani. **Netflix**, 2021
- STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. **Revista Ilha do Desterro**, Florianópolis, nº 51, p. 19-53, 2006.
- XAVIER, I. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In PELLEGRINI, T. (et alli). Literatura, cinema e televisão. São Paulo: **Senac/Itaú**, 2003.